

ABORTO PROVOCADO COMO OBJETO DE ESTUDO EM ANTROPOLOGIA DA SAÚDE

INDUCED ABORTION AS THE OBJECT OF STUDY IN
HEALTH ANTHROPOLOGY

ABORTO PROVOCADO COMO OBJETO DE ESTUDIOS EN
ANTROPOLOGIA DE LA SALUD

MYRIAM SILVA MARQUES *
MARISA ANTONINI RIBEIRO BASTOS **

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de contribuir para a reflexão sobre o aborto provocado em adolescentes, sob o ponto de vista teórico-metodológico. Apresenta uma breve revisão bibliográfica bem como dados epidemiológicos. Aponta a adequação da etnografia como estratégia teórico-metodológica para análise da temática.

Palavras-chaves: Aborto induzido; Adolescência; Antropologia Cultural

O propósito deste texto é relatar um pouco dos estudos e reflexões que temos feito ao longo de nosso trabalho no mestrado em Enfermagem, principalmente para a preparação da dissertação, cujo tema é o aborto provocado entre adolescentes.

O interesse por este estudo surgiu da prática cotidiana da aluna como enfermeira obstétrica em uma maternidade da região metropolitana de Belo Horizonte, mais precisamente na periferia de Betim.

Neste serviço podemos perceber o grande número de casos de curetagens pós-aborto realizadas, abrangendo cerca de 25% dos atendimentos. No entanto essa não é uma estatística precisa, uma vez que o cálculo desse dado é dificultado pela ilegalidade do aborto no Brasil. O que podemos observar, na prática, é que o número de abortos provocados é alto. Esta observação baseia-se em dados clínicos. O aborto espontâneo, dificilmente, está associado com a presença de infecção, e é muito comum constataremos abortos infectados nos serviços.

Nesta maternidade, como em outras do Brasil,⁽¹⁾ observamos ser comum o uso de um comprimido à base do misoprostol, uma prostaglandina de nome comercial *Cytotec*®, como indutor do aborto. Com frequência, este é encontrado, ainda, no colo do útero das mulheres no momento do atendimento ou seu uso é relatado.

Podemos, ainda, observar certas semelhanças entre as pacientes que provocam o aborto como as histórias que contam, o esta-

do psicológico em que chegam, a faixa etária mais jovem, entre outras.

Esta foi a primeira motivação, de cunho sanitário, para estudar essa temática, por reconhecermos este como um problema de saúde pública que precisa ser mais bem compreendido.

Outra grande motivação foi a observação de como as pacientes que provocavam o aborto eram tratadas pelos diversos profissionais.

Quem trabalha na área de obstetrícia, convive com uma certa condescendência implícita com estes casos, no que diz respeito à questão legal. As pacientes não são encaminhadas para investigações, e evita-se até a anotação em prontuário de relatos comprometedores. No entanto, os comportamentos na relação com a paciente variam da piedade à punição. Aspectos sociais e culturais envolvidos no processo de assistência à saúde da mulher são, frequentemente, desconsiderados nos serviços de saúde e, nestes casos, que envolvem questões morais e legais complexas, isto se torna ainda mais evidente.

Assim, voltamos a atenção para as adolescentes que formam um grande grupo de pacientes assistidas na maternidade e que têm particularidades pela própria fase de seu desenvolvimento. A gravidez, nesta fase da vida, e suas conseqüências têm sido objeto de preocupação por parte de estudiosos, pesquisadores e dos formuladores de políticas de saúde. A prática do aborto, no entanto, tem sido relevada embora seja um problema com conseqüências para a saúde física e mental dessas adolescentes.

* Enfermeira, Mestranda - Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem da UFMG

** Enfermeira, Professora Adjunta - Doutora da Escola de Enfermagem da UFMG

Endereço para correspondência:
Marisa Antonini Ribeiro Bastos
Rua Patagônia 500/101 - Sion
30320-080 - Belo Horizonte - MG
E-mail: marisa@dourado.enf.ufmg.br

Myriam Silva Marques
Rua Coronel Fulgêncio 373/311
São Lucas
30240-340 - Belo Horizonte - MG
E-mail: anima@gold.com.br

O aborto provocado é, sem dúvida, um grave problema de Saúde Pública, principalmente, pela sua íntima relação com a morbi-mortalidade materna.

Estima-se que, no Brasil, o coeficiente de mortalidade materna esteja em torno de 150-156 por 100.000 nascidos vivos, o que é uma taxa alta se compararmos com países como, por exemplo, o Canadá (4 por 100.000 n.v.) ou Cuba (12 por 100.000 n.v.). Em pesquisa específica sobre saúde reprodutiva realizada em 1982, dados do IBGE apontam que este número dobra na faixa etária de 10 a 14 anos.⁽²⁾

Na maioria dos estudos de mortalidade materna o aborto é apontado como a quarta causa de morte materna, responsável por cerca de 11% do total,⁽³⁾ mas estima-se que existe um alto número de sub-registros dos casos.

Os estudos de mortalidade geral em adolescentes apresentam as complicações de parto, puerpério e gravidez como uma das cinco principais causas de morte entre mulheres de 15 a 24 anos, uma característica muito diferente da que se observa em outras faixas etárias.⁽⁴⁾

Um estudo investigativo dos aspectos psicossociais envolvidos com a prática do aborto apontou a existência de condições psicológicas importantes, como transtornos mentais, estresse, sentimentos de culpa, fazendo as mulheres sofrerem física e emocionalmente.⁽⁵⁾

Aborto: uma história antiga - resumo da historiografia encontrada

Acredita-se que a prática do aborto seja muito antiga e conhecida de todas as culturas. Segundo Portella,⁽⁶⁾ alguns relatos históricos mostram que ela está presente nas sociedades desde a antiguidade, utilizada como forma de contracepção e mantida como prática privada até o século XIX, com o início da industrialização na Europa. Antes disso, a vida privada era regida pelos códigos orais e pelos costumes, sendo que as posições correntes sobre a concepção, como a de que o princípio vital estava no espermatozóide, criavam condições para que as práticas abortivas não fossem condenáveis.

Segundo Hurst,⁽⁷⁾ mesmo no seio da Igreja Católica, que passara a condenar as práticas contraceptivas e o aborto, vivia-se uma época de tolerância, influenciada, principalmente, pelas idéias de Santo Thomaz de Aquino, tomadas como dogmas a partir do século XIV. Estas idéias eram baseadas em conhecimentos biológicos da época e, segundo ele, só haveria alma quando o feto tomasse a forma humana e se movimentasse.

As primeiras descobertas da Embriologia contribuem para derrubar as antigas crenças e para o avanço da ciência médica no início do século XIX. A prática do aborto passa a ser avaliada como perigosa para a mulher e estes são os primeiros passos para sua regulação social. Assim, até o fim do século, vários países europeus e os EUA adotam legislações punitivas. Na virada do século, essas legislações se estendem para as colônias européias.⁽⁸⁾

Este quadro restritivo mantém-se até o fim da Segunda Guerra Mundial, quando se dá a formação do Bloco Socialista Europeu. Na

nova economia emergente são revistas as políticas sociais a partir de uma visão de garantias à saúde da mulher trabalhadora e, na Rússia, o aborto é legalizado e oferecido pelo Estado, procedimento que foi seguido por muitos países do Bloco.⁽⁶⁾

Nas décadas seguintes, o tema do aborto passa a ser assumido de forma vigorosa pelo Movimento Feminista como um direito da mulher nos países desenvolvidos e será o principal protagonista das mudanças legislativas a partir da década de 60.

Segundo Barsted,⁽⁹⁾ a problematização do aborto como um fato social, no Brasil, teve início apenas na década de 70, com a realização de alguns estudos na área acadêmica, principalmente da área de Saúde Pública. Através desses estudos, começou-se a se revelar a alta incidência desta prática, sua relação com a pobreza e a falta de serviços de planejamento familiar. A partir do final dessa década, o movimento feminista brasileiro começou a colocar esta questão como ponto chave de debates e reivindicações até os dias de hoje.

Na década de 90, ocorreu um aumento da oferta dos meios de planejamento familiar no Brasil, sem contudo, haver ainda um serviço amplamente disseminado no país. Outra novidade dessa década é a criação de serviços públicos de aborto para os casos previstos em lei, em algumas cidades.

A realidade, na maioria dos países do terceiro mundo como o Brasil, onde o aborto é permitido apenas em situações de risco de vida da mãe e estupro, é muito diversa da dos países desenvolvidos capitalistas e socialistas. Nestes países calcula-se que são realizados cerca de 50% dos abortos praticados no mundo.⁽⁶⁾

Atualmente tem crescido o número de legislações mais liberais em relação ao aborto e os recentes documentos mundiais aprovados nas Conferências da ONU sobre a População - Cairo 94 e sobre a Mulher - Beijing 95,⁽¹⁰⁾ não recomendaram para os países membros a legalização do aborto, porém pela primeira vez este é reconhecido como um problema grave de saúde pública no nível mundial e todos os países se comprometeram a acabar com legislações punitivas às mulheres que o praticam.

Possíveis caminhos para uma pesquisa sobre aborto provocado

O breve levantamento da literatura bem como nossa experiência profissional e política na área de saúde da mulher fazem-nos constatar que poucos temas provocam debates tão apaixonados como o aborto. Dificilmente encontram-se opiniões, seja em forma de pesquisas, artigos ou na mídia, que não coloquem o autor em um posicionamento "a favor" ou "contra". O tema do aborto aparece como um grande tema universal, pela sua relação com a reprodução. A princípio, pode ser visto como um processo que acontece no corpo das mulheres, mas suas implicações transcendem crenças e instituições muito mais amplas.

Embora encarado como um problema de saúde pública, um problema político no campo dos direitos reprodutivos, um problema da ética moral das pessoas e instituições, estas implicações devem

ser consideradas como pano de fundo, um *background* a ser reconhecido. No entanto, tais aspectos não devem direcionar toda pesquisa referente a essa temática. Devemos partir da reflexão de que esta é uma das práticas das mulheres ao lidar com sua vida reprodutiva. Assim, praticar um aborto é um dos acontecimentos a que uma mulher está sujeita em sua vida reprodutiva assim como, praticar anticoncepção, engravidar e viver a gestação, ter partos, ter doenças sexualmente transmissíveis. Cada um destes acontecimentos envolve valores, crenças, mitos e estratégias compartilhadas pelas participantes que vivenciam esta experiência.

São várias as indagações possíveis decorrentes desta percepção: existe uma cultura do aborto entre as mulheres? A prática do aborto se insere como um viés da cultura sexual e reprodutiva mais ampla? Como esta prática se insere numa cultura mais ampla que é a cultura adolescente? As respostas a estas questões levam a uma reflexão sobre os conceitos de cultura, culturas, subculturas que só podem ser compreendidas numa descrição do que compartilham pessoas que vivenciam a mesma situação social.

Um caminho teórico, presente em estudos sobre a gravidez na adolescência, é o da construção da identidade feminina, considerando que as mulheres adolescentes estão num processo de transição na construção desta identidade.

Para Desser,⁽¹¹⁾ a fase da adolescência seria uma fase tolerada como de menor responsabilidade com a família, o trabalho e maior liberdade como a experimentação de mais autonomia em relação aos pais. Como entraria uma vivência como a do aborto nesta fase?

Ainda segundo Desser,⁽¹¹⁾ no caso da sexualidade e da saúde reprodutiva verificam-se alterações de valores e concepções como virgindade, casamento, amor, papéis sexuais, padrões de fecundidade, entre outras que têm impacto importante na vida das mulheres e nas relações de gênero. São situações que levam ao questionamento: como tantas mudanças podem alterar a identidade feminina? Isto vale para todos os grupos culturais pesquisados?

O conceito tradicional de "natureza feminina", de cunho biológico, define a mulher totalmente determinada por sua anátomo-fisiologia. Esta visão reserva à mulher a passividade e ao homem a agressividade.

Simone de Beauvoir,⁽¹²⁾ em seu conhecido "Segundo Sexo" descreve a subjetividade feminina como uma construção cultural montada em diferenças anatômicas que seriam discretas ou que se tornaram discretas com a evolução humana. Sempre é reconhecido este mérito de Beauvoir, mas a crítica da sua obra está em sua desvalorização da reprodução como algo incoerente com a possibilidade de criação e de valor, como se a solução para a igualdade entre os gêneros estivesse na eliminação desta especificidade.

Para Desser⁽¹¹⁾ a teoria feminista que veio depois tenta levar este desafio de pensar o conteúdo cultural da identidade feminina sem suprimir a subjetividade. Os estudos feministas, principalmente nas ciências sociais e culturais, fazem um esforço teórico para valorizar as características femininas numa leitura de mulheres, já que, até então, estas foram distorcidas por uma visão masculina. Nesta fase, agres-

sividade e passividade seriam atributos de ambos os sexos variando sob condições culturais e sociais específicas.

Para a mesma autora, houve e ainda há um período de crítica a estes modelos porque elas colocariam a subjetividade e identidade femininas como algo já estruturado culturalmente sem possibilidade de uma redefinição, levando ao mesmo problema do reducionismo anterior, principalmente nos trabalhos estruturalistas e pós-estruturalistas.

Essa autora propõe alternativas para pensar a identidade feminina como experiência dinâmica. Esta experiência não é só determinada por relações de poder, mas, também, por uma relação contínua de experiências de interação com o cotidiano.

Essa perspectiva torna possível pensarmos a estruturação da identidade feminina num contexto cultural de mudanças aceleradas e que tem trazido impactos na vida sexual e reprodutiva das mulheres. A gravidez na adolescência e a opção por fazer um aborto poderiam constituir-se em uma experiência desnormalizadora no percurso da construção da identidade, uma vez que alteram essa identidade numa idade precoce. O conjunto de práticas, hábitos, valores, sentimentos envolvidos na vivência do aborto poderiam entrar interagindo com modelos sociais, modelos de identidade feminina por ser uma vivência complexa, parte de uma cultura que precisa ser conhecida.

É importante lembrar que todas estas relações de identidade/sexualidade são expressadas na linguagem, são portanto simbólicas e particulares de cada contexto cultural.

Etnografia: estratégia teórico-metodológica para o estudo do aborto provocado

A partir das reflexões anteriores, optamos por realizar uma pesquisa que buscasse uma descrição, a mais próxima possível, do universo dos sujeitos desta cultura através da análise etnográfica.

Assim, propomos uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, visto que é um método adequado para a tradução de significados particulares compartilhados pelas adolescentes dentro de seu contexto cultural.

Na escolha de um método de pesquisa, concordamos com Rodrigues⁽¹³⁾ quando afirma que, "não há como dissociar a sua dimensão social e política de sua dimensão técnica". Assim, a visão de mundo do pesquisador, suas concepções sobre a realidade e a natureza humana, estão intimamente articuladas à escolha da metodologia adequada para descrevê-la e compreendê-la.⁽¹⁴⁾

Reportando-nos à natureza do objeto estudado e ao objetivo desta pesquisa, consideramos pertinente a opção por uma abordagem qualitativa tendo em vista que: o contexto da cena cultural será considerado parte da pesquisa,⁽¹⁵⁻¹⁷⁾ e não serão delimitadas hipóteses *a priori*.⁽¹⁸⁾

Por outro lado, adotamos alguns critérios preconizados por Rodrigues,⁽¹⁹⁾ tais como:

1º - "O estudo de campo é um lugar de aprendizagem contínua. (...)

2º - O pesquisador deve estar sempre próximo às interações de que emerge o simbólico...

3º - A abordagem e a análise dos dados devem ser interagentes, isto é, o pesquisador não parte para o campo com idéias pré-concebidas, ou com uma série de hipóteses já estabelecidas; ao contrário, o acúmulo de conhecimento surge a partir das interações....

4º - É importante focalizar a atenção nas formas de expressão e na linguagem, porque é através delas que se tem acesso ao universo simbólico."^(13:111)

Definindo cultura como o conhecimento que as pessoas aprenderam enquanto membros de um grupo, Spradley⁽¹⁹⁾ aponta a relação desse conceito com a teoria do interacionismo simbólico, "a teoria que busca explicar o comportamento humano em termos de significados".

Para Blumer⁽²⁰⁾ o interacionismo simbólico possui três premissas básicas:

- 1- os seres humanos agem com base no significado que as coisas têm para eles, incluindo objetos físicos, seres humanos, instituições, atividades, situações do cotidiano, entre outros;
- 2- o significado das coisas é derivado das interações sociais, ou seja, o significado das coisas é um produto social;
- 3- os significados das coisas são tratados e modificados através de um processo interpretativo nas interações dos seres humanos com eles próprios e com os outros.

O interacionismo simbólico, na ótica de Blumer⁽²⁰⁾ está fundamentado em algumas concepções básicas referentes a grupos humanos ou sociedades, interação social, objetos, seres humanos enquanto atores e ação humana. Segundo o autor, essas concepções básicas representam a perspectiva do interacionismo simbólico relativa à sociedade e à conduta humana.

Para Germain⁽²¹⁾ o objetivo da etnografia é descobrir o conhecimento cultural que as pessoas usam para organizar seus conhecimentos e interpretar suas experiências.

Da mesma forma Mackenzie⁽²²⁾ afirma que o etnógrafo busca compreender os significados que as pessoas dão às várias situações de interação.

Assim, o objetivo da etnografia é descrever os modos de vida, os comportamentos manifestos e explícitos e os valores de um grupo social a partir de um cenário natural.

Assim, optamos por realizar um estudo etnográfico através de trabalho de campo, uma vez que é adequado para compreender a complexidade dos fenômenos culturais, sob a perspectiva das adolescentes que vivenciam essa experiência.

Buscaremos compreender o universo simbólico compartilhado pelas meninas que vivenciam a experiência de provocar o aborto, através de uma estratégia metodológica adequada para descrever cultura.

Na ótica de Spradley,⁽²³⁾ a etnografia é o trabalho de descrição de uma cultura a partir da visão de mundo do nativo dessa cultura. Assim, a etnografia busca a compreensão do significado de ações e eventos para os participantes, significados esses expressos através da linguagem ou indiretamente através de ações, constituindo-se num sistema de significados complexos. Esse sistema de significados constitui a cultura. O autor situa a etnografia como uma estratégia

teórico-metodológica para descobrir os símbolos de uma cultura e compreender suas relações dentro de um complexo sistema de significados.

Summary

The objective of this study is to contribute for a theoretical and methodological reflection about induced abortion in adolescents. The author presents a bibliographic review as well as the epidemiological data. It shows the adequacy as well as a theoretical and methodological strategy for analysis.

Key-words: Induced abortion, Adolescence, Cultural Anthropology

Resumen

El artículo tiene el propósito de contribuir para la reflexión sobre el aborto provocado en adolescentes, bajo una visión teórico-metodológica. Presenta una revisión bibliográfica y datos epidemiológicos sobre el tema. Apunta la propiedad de la etnografía como estrategia teórico-metodológica para análisis del tema.

Unitermos: Aborto Inducido; Adolescencia; Antropología Cultural

Referências Bibliográficas

- 1 - Barbosa RM, Anilha M. A experiência brasileira com o Cytotec. São Paulo, 1993. (Mimeogr.)
- 2 - Costa AM. Direitos reprodutivos, riscos e encruzilhadas. Brasília, 1993. (Mimeogr.)
- 3 - Tanaka AC. Situação da mortalidade materna no Brasil. In: Anais do Simpósio Brasileiro sobre Prevenção da Mortalidade Materna com ênfase da gravidez adolescência. São Paulo: USP, 1992. (Cadernos da Faculdade de Saúde Pública da USP).
- 4 - Chipkevitch E. Puberdade e adolescência: aspectos biológicos, clínicos e psicossociais. In: Tratado da adolescência. São Paulo: Roca, 1994: 500-25.
- 5 - Barchifontaine CP. Considerações psicossociais sobre o aborto provocado. (Dissertação de mestrado) São Paulo: Faculdade São Camilo de Administração Hospitalar; 1989.
- 6 - Portella A P. Aborto: uma abordagem da conjuntura nacional e internacional. São Paulo, 1991. (Mimeograf.)
- 7 - Hurst J. A história das idéias sobre o aborto na Igreja católica. Montividéu: Católicas pelo Direito a Decidir; 1992.
- 8 - Del Priore MLM. A árvore e o fruto - um breve ensaio histórico sobre o aborto. Rev Bioética Cons Fed Med, Brasília, 1994; 2 (1): 21-6
- 9 - Barsted LL. Legalização e discriminação do aborto no Brasil- 10 anos de luta feminista. Rev Est Femin UFRJ, Rio de Janeiro, 1992;
- 10 - ONU. Plataforma de Beijing 95. Um instrumento de ação para as mulheres. Santiago do Chile: Coordenação Sub-Regional Cone Sul de ONGs para mulheres; 1996.

- 11 - Desser NA. Adolescência, sexualidade e culpa. Brasília: Ed. Rosa dos Tempos, EdUNB; 1993.
- 12 - Beauvoir S. O Segundo sexo. São Paulo: DIFEL; 1962.
- 13 - Rodrigues SB. O chefinho, o telefone e "O BODE": autoritarismo e mudança cultural no setor de telecomunicações. (Tese, Titular). Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais; 1991.
- 14 - Peixoto MRB. A prioridade, o isolamento e as emoções: estudo etnográfico do processo de socialização em um centro de tratamento intensivo. (Tese Doutorado) São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1996.
- 15 - Field PA, Morse JM. Nursing research: the application of qualitative approaches. London: Croom Helm; 1985.
- 16 - Andre MEDA. A abordagem etnográfica: uma nova perspectiva na avaliação educacional. *Tecnol Educ* 1978; (24): 8 -21
- 17 - Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 1987.
- 18 - Evertson CM, Green JL. La observación como indagación y método. In: Wittrock M C. La investigación de la enseñanza, (II, Métodos cualitativos y de observación). Madrid: Centro de Publicación del Ministerio de Educación y Ciencia; 1989: 303-421.
- 19 - Spradley J. Participant observation. New York: Holt Rinehart & Winston; 1980.
- 20 - Blumer H. Symbolic interactionism: perspective and method. Englewood Cliffs: Prentice-Hall; 1969.
- 21 - Germain C. Ethnography, the method. In: Munhall PL, Oiler CJ. Nursing research: a qualitative perspective. Norwalk: Appeton-Century- Crofts; 1986: 147-62.
- 22 - Mackenzie AE. Learning from experience in the community: an ethnographic study od district nurse students. *J Adv Nurs* 1992; 17(6): 682-91.
- 23 - Spradley J. The ethnographic interview. New York: Holt Rinehart & Winston; 1979.